



CCB

**CARTA BRANCA:
A GAROTA NÃO
A VULGAR MULHER
EXTRAORDINÁRIA**

21 E 22 MAR 26

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada 2025/2026

Centro Cultural de Belém
Grande Auditório
Sáb e Dom, 19h
+6



**21 de março — Espetáculo com interpretação
em Língua Gestual Portuguesa**

Duração aproximada: 120 min

CARTA BRANCA: A GAROTA NÃO ***A Vulgar Mulher Extraordinária***

Criação, Conceção e Direção Artística
Cátia Mazari Oliveira (A garota não)

MÚSICOS

Voz, Guitarras **Cátia Mazari Oliveira**
Guitarras, Baixo **Sérgio Miendes**
Vozes, Guitarras e Teclados **João Mota**
Bateria e Texturas **Diogo Arranja**

CONVIDADOS

Ana Bacalhau
Ana Deus
Angel Gomes
Bárbara Wahnon
Iza da Costa
Joana Alegre
Joana Seixas
José Nobre
Natália Abreu
Orlanda Guilande
Paula Cortes
Rita Redshoes
Selma Uamusse
Sheila Pereira

Som de Frente **Hugo Valverde**
Som de Palco **Ricardo Costa**
Encenação e Cenografia **Roger Madureira**
Iluminação **Joana Mário**
Técnico de *Backline* **João Gabriel**
Vídeo **Pedro Semedo, Mário Guilherme e**
António Aleixo
Operação de Vídeo **Fábio Vicente**
Operação de Teleponto **Sammer Ramos**
Fotógrafo **Nuno Batista**
Road Manager **Sandra Cardoso**
Manager **José Morais**

Foto de capa: A garota não © Nuno Batista

A VULGAR MULHER EXTRAORDINÁRIA

[...] PORQUE, AFINAL, SOMOS TODAS EXTENSÕES DAS NOSSAS MÃES, DAS NOSSAS TIAS, DAS NOSSAS AVÓS [...]

«Anos depois da sua morte, apercebi-me desta fixação por falar dela. E eu achava que fazia isto para não me matarem as saudades e os remorsos. Como se ao levantar memórias suas, ela acabasse por me ir salvando sempre.

Mas, ultimamente, tenho sentido que falo dela por outra razão: uma necessidade primária de a fazer viver através do que nos passou, do seu colo forte, dos animais que protegeu. Uma necessidade primária de impedir que ela desapareça já, que ela nos deixe de vez.

E, como nenhum grande biógrafo se interessou por escrever a história desta vulgar mulher tão extraordinária, achei que uma Carta Branca seria um bom lugar para corrigir este lapso histórico. Bom, não uma biografia formal, com uma linha cronológica formal, mas um ensaio do que foram os medos, as forças, as batalhas de fora e de dentro.

Mas depois, à medida que a narrativa me foi crescendo, compreendi que falar dela é, ao mesmo tempo, falar das minhas amigas e de mim, das conhecidas e anónimas mulheres que revolvem os dias a cuidar mais dos outros do que de si, aceitando provérbios e sinas, a ter da vida menos do que seria justo, a trabalhar mais do que seria razoável — porque, afinal, somos todas extensões das nossas mães, das nossas tias, das nossas avós —, em continuidade e fratura, águas que derivam e se separam. Compreendi que trazê-la para aqui é celebrar e agradecer a muitas mulheres. As suas contemporâneas, as que lhe antecederam e as que ficaram depois de ter partido.

É uma biografia coletiva onde se levantam assuntos incómodos e frágeis, se questionam dogmas e regras sociais, onde se ligam e atravessam muitas vidas. Porque as vidas derramam-se umas nas outras, contaminando-se em camadas, medonhas e poderosas vagas.

Não tenhamos medo. Deixemos que nos *visite a felicidade*.>

**Cátia Oliveira
(A garota não)**

A GAROTA NÃO: ARTESÃ DE CANÇÕES

ENTRE O BAIRRO E A CONSTITUIÇÃO, ENTRE OS SAPATOS DA MÃE E O PRÉDIO MAIS ALTO DA RUA, [A GAROTA NÃO] CONSTRÓI UM MAPA AFECTIVO DO PAÍS REAL ONDE VIVE GENTE DE CARNE E OSSO

Há nomes artísticos que espelham o que está inscrito no Cartão de Cidadão e outros que soam a declaração de princípios. **A garota não** é, desde logo, um gesto, um nome que parece negar para melhor afirmar, que cria fricção antes mesmo de a primeira nota soar. Cátia Mazari Oliveira nasceu em Setúbal, em 1983, e cresceu no Bairro 2 de Abril. Mais do que um dado biográfico factual, esta é uma coordenada moral. «Vivi tantas coisas que, com um trapo, inventávamos o mundo», recordou ela ao Público, em 2022, revelando assim o laboratório onde aprendeu que criar é um acto de sobrevivência e que imaginar pode ser uma forma de justiça.

Esse bairro, com as suas ruas e as suas fronteiras invisíveis, reaparece como pulsação de fundo em toda a sua obra. Cátia formou-se em Comunicação e Cultura, trabalhou em rádio, passou pelo jornalismo, ensinou, contactou com realidades sociais que raramente se encontram sob o foco mediático. No entanto, nada disso surge como currículo exibido. É real densidade humana. Quando afirma, nas páginas virtuais d'A Comunidade Cultura e Arte, que se sente «mais um veículo do que propriamente um emissor», **A garota não** está a posicionar-se fora da lógica do protagonismo fácil. A canção, no seu caso, é canal por onde passam inquietações que a ultrapassam. E quando esclarece que a sua música «é mais de inconformismo do que de intervenção», delimita um território próprio. O inconformismo é uma vibração contínua, não um cartaz erguido em dia de descer a avenida. Essa ética atravessa cada verso que assina.

Rua das marimbas, editado em 2019, apresentou uma voz que parecia já ter encontrado o seu centro. A produção contida deixava espaço à palavra, como se cada sílaba precisasse de ar para se expandir. Em *Não Choro Mais*, os versos «esgotei as lágrimas que juntei / esforçadamente, ao longo de uma vida / e a todas sequei» instalam uma imagem de exaustão que ainda assim não é derrota. Há ali uma consciência de percurso. Secar as lágrimas é reconhecer que a dor foi atravessada. Quando acrescenta que queria estar

«pertinho de ti / juntinho de ti / a inventar o mundo», regressa à infância como território simbólico. Inventar o mundo deixa de ser brincadeira e torna-se projecto afectivo. No fecho do tema, ao cantar que «há sempre quem cuide da maré que vaza / e que fica junto até ela encher», propõe uma política do cuidado que não precisa de retórica. A maré é imagem marítima e emocional e vaza e enche como as nossas forças.

Com *2 de abril*, em 2022, a sua escrita adquire uma dimensão ainda mais consciente do país que habita. O título junta o nome do bairro à data da Constituição portuguesa, em 1976. Biografia e história encontram-se num mesmo plano simbólico. A artista já declarou que deseja que «esta Constituição se cumpra», frase que soa simples, mas que na verdade traduz um desajuste profundo entre texto legal e vida concreta. As canções deste disco caminham por temas como habitação, precariedade, desigualdade de oportunidades. Contudo, nunca se instalam na abstração. A política surge sempre com rosto, como escada ou como porta que não se consegue abrir.

Prédio Mais Alto é um exemplo dessa capacidade de converter cenário urbano em tocante metáfora emocional. «Descalço para ninguém me ouvir / para ninguém me sentir / lá no rés do chão», canta ela, como quem tenta atravessar o espaço sem deixar rasto. A imagem de viver «no último andar do prédio mais alto da nossa rua» cria uma tensão entre altitude e solidão. O amor que ali «dói que mata a céu aberto» expõe a vulnerabilidade sem filtro. Não há ornamento excessivo e a força reside na nitidez da imagem. O prédio torna-se figura de uma sociedade onde a proximidade física convive paredes meias com a distância afectiva.

Em *Ferry Gold*, lançado em 2025, a sua escrita expande-se num gesto de montagem mais explícito. A artista falou deste disco como um espaço onde costura excertos de textos, filmes e poemas, transformando a experiência individual em lugar-comum. A canção aproxima-se do arquivo biográfico, mas um arquivo vivo, respirado. Em *Os Sapatos da Minha Mãe*, a escolha do objecto é reveladora: os sapatos concentram passos, cansaços, danças, desistências; falar dos sapatos da mãe é falar de uma herança invisível, de caminhos que moldaram o próprio modo de estar. A poética do detalhe confirma-se. Não é nos grandes conceitos que a sua escrita encontra força. É nos objectos reais que resguardam o tempo.

Ao longo destes três álbuns, consolidou-se uma distinta assinatura.

A garota não trabalha a língua com uma clareza que nunca escorrega para a banalidade. Alterna entre registo coloquial e imagem de grande densidade simbólica. A sua voz, muitas vezes contida, quase em regime de confidência, sustenta uma tensão que prende o ouvinte. Não há excesso dramático. Há a verdade que aprendeu a escutar em Zé Mário, Sérgio, Zeca ou Halloween. O «eu» que canta é permeável ao mundo, mas mesmo quando a narrativa parece íntima, existe sempre um «nós» latente. Nas entrevistas, essa coerência é visível. Quando comenta, como aconteceu no podcast *Posto Emissor* da revista Blitz, que ir à praia em Tróia pode custar quase tanto como ir ao cinema, aponta para a desigualdade com ironia tranquila. A crítica nasce do quotidiano e nada é demasiado pequeno para revelar uma fissura estrutural. O seu pensamento organiza-se em perguntas persistentes sobre dignidade, acesso, cuidado. E isso carrega mais peso do que o slogan gritado.

A garota não ocupa hoje um lugar singular na música portuguesa porque conseguiu reactivar a tradição da canção de protesto sem a cristalizar. A sua obra não vive de nostalgia nem de imitação. Vive, isso sim, de atenção: às palavras, aos corpos, às memórias. Entre o bairro e a Constituição, entre os sapatos da mãe e o prédio mais alto da rua, constrói um mapa afectivo do país real onde vive gente de carne e osso. Um mapa onde cada canção é ponto de encontro entre análise e emoção. O retrato que daí emerge é o de uma artista que compreende a canção como espaço de responsabilidade, ideal para partilhar lucidez, para lembrar que ainda é possível inventar o mundo, mesmo quando o mundo parece gasto. Na sua música, a densidade analítica convive com uma placidez quase doméstica. E talvez seja essa combinação que a torna indispensável: a capacidade de pensar o país sem perder de vista o coração que bate no interior de cada verso.

Rui Miguel Abreu

(Texto escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico)



A GAROTA NÃO © NUNO BATISTA

CONTRA A INCERTEZA DO FUTURO

Bastaram três registos discográficos para **A garota não** ganhar um espaço único no panorama da música popular portuguesa — *Rua das marimbas* (2019), *2 de abril* (2022) e *Ferry Gold* (2025) — introduzindo um novo fôlego e perspectiva à música de intervenção que conheceu nos anos pós-25 de abril um assinalável caminho de renovação do cancioneiro de autor.

A consciência social e política, atravessada por um punhado de reivindicações económicas, culturais e políticas, no sentido de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a pedra de toque foi a luta de classes, não deixa de estar presente nas letras de **A garota não**. Porém, a abordagem a essas questões é feita a partir de uma outra perspetiva, quer a nível poético, quer, sobretudo, a nível das composições musicais que sustentam este repertório.

Há, em **A garota não**, uma subtil atenção ao dia a dia das comunidades mais desprotegidas onde, precisamente aí, encontra os temas que são a fonte do seu livre pensamento — sempre em busca de um olhar que denuncia sem o tom tribunício do passado.

As canções desta autora transformam-se em manancial de esperança porque, no seu inconformismo, apelam ao resgate da dignidade humana, reivindicando uma sociedade mais solidária e contra as incertezas de um futuro ameaçado por atropelos à liberdade. O sentido deste percurso musical quer-se coletivo, com as suas esperanças e indignações, onde a afetividade se entrelaça à mais acutilante crítica.

Será este um dos aspetos em que as suas canções parecem, por vezes, reenvios ao legado de José Mário Branco, autor e compositor que admira e a quem dedica *Canção a Zé Mário Branco*, do álbum *2 de abril* e cujo refrão encerra um imperativo ético:

«Liberdade, querida liberdade
O nosso chão tem sonhos e vontade».

De *Rua das marimbas a Ferry Gold*, Cátia Oliveira mapeou todo o mal-estar da sociedade portuguesa, a partir de um ponto de vista a que não é alheia a sua experiência de vida, transformando-a em matéria poética e musical para nos dar a ver que o nosso chão, isto é, a nossa vida, só faz sentido se continuarmos a ter sonhos e vontade de os concretizar.

Esta Carta Branca é mais uma oportunidade para voltarmos coletivamente a celebrar a Liberdade.

Fernando Luís Sampaio

Programador, Artes Performativas



A GAROTA NÃO © NUNO BATISTA

CÁTIA OLIVEIRA (A garota não) Criação, Conceção e Direção Artística

Nasce no Hospital de S. Bernardo, em Setúbal, 1983. É a terceira de três filhos, de uma família com muitas nódoas negras, mas amável e interessada. Por desafiar os tempos da parteira, é arrancada à bruta e chega ao mundo de clavícula partida. Logo a esquerda. Mais tarde, frequenta a escola primária do peixe frito, aprende língua portuguesa, matemática e estudo do meio. Sabe de cor o nome dos rios e a altura das montanhas. É-lhe diagnosticada bronquite asmática e escoliose; por indicação médica começa a nadar. Torna-se razoável brucista e singra na equipa de competição do Clube Naval Setubalense.

Aos 16 anos, trabalha como caixa no Pingo (pouco) Doce para pagar as primeiras férias fora de casa — e depois como empregada de mesa e balcão para pagar os estudos. Ouve críticas, elogios e brejices várias. Licencia-se em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde se assume anti-praxe e anti-parvos. Mais tarde, faz estágio profissional na Rádio Popular FM e no Jornal Notícias Populares, sob a direção de José Manuel Rosendo, onde se destaca

por reportagens sobre eucaliptos, tráfico de animais e prémios vinícolas. Frequenta o curso de jornalismo no Cenjor e pelo caminho dá aulas de inglês no primeiro ciclo. Muitas das suas matérias são dadas através de canções genericamente coreografadas, compostas de propósito para o efeito. (À segunda semana de aulas, é chamada à sala da diretora para conversar sobre práticas educativas pouco próprias.) Entre 2011 e 2016, é coordenadora do Grupo Tamborzinho e trabalha o desenvolvimento físico, cognitivo e social de crianças, jovens e adultos com deficiência mental. Aprendeu mais do que ensinou. Dotada de novas ferramentas, torna-se funcionária pública a recibos verdes, desenvolvendo projetos de juventude.

Em 2019, produz, com a ajuda do amigo Sérgio Miendes, o seu primeiro disco — *Rua das marimbas* — e, três anos depois, o disco *2 de abril*. Em 2025, lança *Ferry Gold*. Gosta de animais (cães em particular), de plantas e de árvores. E de dar mergulhos no mar sempre que pode. Escreve poemas, crónicas e breves notas biográficas.

NOTAS ARTÍSTICAS E DISTINÇÕES

Prémio José Afonso 2023 (atribuído em abril de 2024)

SPAutores — Prémio José da Ponte 2024

Golfinho de Ouro Jornal O Setubalense / Rádio Popular FM 2024

Medalha de Mérito Cultural — Município de Setúbal 2024

Globo de Ouro SIC / Expresso — Melhor Intérprete 2023

SPAutores — Melhor Trabalho de Música Popular 2023

Antena 3 — 1.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022 com álbum *2 de abril*

Blitz/Expresso — 2.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022 com álbum *2 de abril*

Rádio Radar — 1.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022 com álbum *2 de abril*

Planeta Pop — 1.º Lugar «Portuguese Album of the Year» 2022 com álbum *2 de abril*

Music Portugal — 1.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022 com álbum *2 de abril*

Altamont — 1.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022 com álbum *2 de abril*

Rádio SBSR — 3.º Lugar «Álbuns Nacionais» 2022

Colaboração como letrista e compositora em vários discos nacionais.

Colaborações e parcerias com Três Tristes Tigres, Calíope, Sérgio Miendes, Omiri,

Orelha Negra, Os Surrealistas, Luca Argel, Castello Branco, entre outros.

JÁ A SEGUIR

TEATRO

A VALENTINA E A VALERIA NÃO ESTÃO MORTAS

Flávia Gusmão e Jacinto Lucas Pires

19 A 22, 26 A 29 MARÇO

Black Box

Qui e Sex, 20h, Sáb, 19h, Dom, 17h

27 MAR – DIA MUNDIAL DO TEATRO

17h e 20h. Entrada livre sujeita à lotação da sala.

Levantamento dos bilhetes no próprio dia,
a partir das 13h, na Bilheteira CCB.

Duração aproximada: 60 min

Classificação Etária a definir pela CCE



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA O SEU LUGAR NA PRIMEIRA FILA

ccb.pt/newsletter



Uma Cidade. Um Museu. Muitos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMEDIA



APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA



PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE



REPÚBLICA
PORTUGUESA



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU